

O PARI PASSU DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO CAMINHO PARA JOVENS NA BOLSA DE VALORES

English title: THE PARI PASSU OF FINANCIAL EDUCATION AS A PATH FOR YOUNG PEOPLE IN THE STOCK EXCHANGE

doi> [10.33726/akdpapers2447-7656v15a92023p5264](https://doi.org/10.33726/akdpapers2447-7656v15a92023p5264)

MENDES, Naiara¹

SILVA, Adriano²

PESSOA, Marcelo³ –  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

RESUMO: A educação financeira orienta os jovens para bons hábitos de consumo, para que possam conquistar melhores condições de vida, podendo ser inserida desde a infância. Por meio dela, buscam-se melhorias comportamentais, atitudes e posturas que evitam o endividamento. Como resultado parcial do estudo, vemos um crescimento do número de jovens endividados, com o nome incluso em instituições de proteção ao crédito, como SPC/SERASA, o que prejudica no consumo e até na carreira profissional. Para o desenvolvimento metodológico dessa pesquisa, se realizou uma revisão bibliográfica, com o objetivo de fornecer ao leitor uma iniciação à ciência do dinheiro, mostrando como a educação financeira auxilia no estabelecimento de uma relação sadia com as finanças, devendo ser iniciada desde a infância. Dá o esteio da sustentação aos argumentos aqui dispostos, a produção de Navarro (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Educação Financeira, Endividamento, Finanças Pessoais

ABSTRACT: Financial education guides young people towards good consumption habits, so that they can achieve better living conditions, and can be introduced from childhood. Through it, behavioral improvements, attitudes and postures that avoid indebtedness are sought. As a partial result of the study, we see a growth in the number of indebted young people, with their name included in credit protection institutions, such as SPC/SERASA, which harms consumption and even their professional career. For the methodological development of this research, a bibliographical review was carried out, with the objective of providing the reader with an initiation to the science of money, showing how financial education helps in establishing a healthy relationship with finance, and should be started from childhood. It provides the mainstay of support for the arguments presented here, the production of Navarro (2010).

KEYWORDS: Financial Education, Debt, Personal Finance

¹ Graduanda do Bacharelado em Administração, na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Unidade Frutal.

² Graduando do Bacharelado em Administração, na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Unidade Frutal.

³ Bolsista de Produtividade Científica – Chamada 10/2022 – Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ / UEMG.

INTRODUÇÃO

O Artigo trata da importância da educação financeira na vida dos jovens, e, como no Brasil, isso tem se tornado um grande problema para a sociedade. Por meio de um estudo bibliográfico, foi realizado um questionário estruturado, aplicado a jovens universitários, do Curso de Administração, da Pontifícia Universidade Católica. Segundo um dos textos resenhado, por meio da empresa XP Investimentos, que é uma corretora de investimentos, localizada em Uruguaiana, Rio Grande do Sul – RS, foi possível obter dados para se verificar em que condição se encontra a educação financeira dos jovens.

Pudemos observar com isso, que a maior parte do público disposto a responder a enquete, veio do contexto feminino, e se concentrava abaixo dos 30 anos, o que era de se esperar, aliás, visto que a pesquisa se concentrou em uma universidade, onde a média de idade é bem jovem.

A maioria desses jovens mostraram desconhecerem pontos fundamentais da educação financeira, mesmo sendo estudantes de Administração, o que surpreende, de pronto, quem quer que se dedique a investigar este tema em tal cenário. Alguns jovens (apenas 32 entrevistados), por outro lado, e isso, já dentro do ambiente da própria XP Investimentos, disseram diversificar suas carteiras de investimentos, o que quer dizer que investiram em várias aplicações financeiras, fazendo investimentos com menos risco, o que é realmente mais aconselhável.

Aqueles, por sua vez, que mostraram pouco conhecimento sobre o assunto ‘finanças pessoais’, informaram não diversificar as aplicações, preferindo, na melhor das hipóteses, o conservadorismo da caderneta de poupança, que é um investimento de baixo risco, mas com pouco retorno.

Dos jovens investidores abordados, revela o retrovisor dos fatos, 84% ousaram e aplicaram mais de metade do seu capital em investimentos que nunca até então fizeram, o que é um grande risco, posto que isto é colocar muito capital em investimento novo, mostrando, de pronto, uma imaturidade dos jovens com relação ao mundo dos investimentos, o que se reflete também no contexto, do qual, 92% dos entrevistados nunca investiram em ações,

enquanto que os primeiros arriscaram, querendo entrar no mercado de investimentos, os outros talvez, pela própria consciência da falta de conhecimentos sobre o assunto, prefere não arriscar.

E é esse o esboço geral do Artigo, isto é, tratar de como o brasileiro está propício ou não para investimentos, destacando a importância da educação financeira para que isso ocorra. Compara-se esse dado, com os do Estados Unidos, país onde cerca de 30% da população investe de ações. No Brasil, neste quesito, temos apenas 0,31%. Isso mostra para as pessoas a senda da estabilidade financeira de todo um país, ao mesmo tempo em que se prepara os jovens para investir, melhorando o *status* da educação financeira, atingindo a todos, começando isso desde as próprias casas, com as crianças, ensinando sobre guardar dinheiro, de comprar consciente:

[...] há pessoas que acreditam que a criança já sai do ventre da mãe com as atitudes formadas em relação ao dinheiro. E outras que entendem que ela é ensinada a lidar com ele. Para o referido autor a criança é ensinada a pensar e a agir no que diz respeito às finanças. O mesmo vale para os adultos. Todos são instruídos a pensar e a agir de determinada maneira no que se refere a dinheiro. Esses ensinamentos se transformam no condicionamento, que são todas as respostas automáticas que os indivíduos carregam. A menos que sejam capazes de reciclar seus arquivos mentais a respeito de dinheiro (EKER, 2006, p. 25).

Hoje, há meios seguros para a promoção da capitalização. As corretoras atuam neste segmento, há órgãos de fiscalização supervisionados, tanto pelo Estado quanto por auditorias independentes, negociando ações, títulos públicos, fundos de investimentos coletivos, usando uma carteira de investimentos diversificados, no que já é perceptível notar um aumento dos investidores, especialmente se comparados ao ano 2000. Muito ainda tem que ser feito para o mercado de ações ganhar a confiança das pessoas, mas a educação financeira é um importante passo para acelerar esse resultado:

Educação Financeira é um processo que estimula o desenvolvimento de conhecimento, aptidões e habilidades, transformando indivíduos em cidadãos críticos, informados sobre os serviços financeiros disponíveis e preparados para administrar suas finanças pessoais evitando ser manietados pelas propagandas que levam a um consumo desenfreado e ao seu consequente endividamento pessoal (AMADEU, 2009, p. 15).

Uma das justificativas para a realização de uma varredura bibliográfica como esta, prende-se ao fato de que, um dos principais fatores que levam ao endividamento da população, é a ausência de educação financeira para jovens. Sem este aprimoramento desde o início da sua relação com dinheiro, há grandes chances de a vida financeira dos jovens se tornar complicada. Desta forma, a educação financeira para jovens tem cunho preventivo, combatendo o superendividamento, visando à melhoria das suas finanças de todos.

A educação financeira para jovens é importante, também, porque será por intermédio dela, que pessoas que ainda estão em processo de formação aprenderão a gerir seus recursos da melhor forma possível. Tanto para não enfrentarem problemas desnecessários quanto para fazerem melhores escolhas durante a sua vida adulta. É e justamente na juventude e na adolescência, entre 12 e 18 anos, momento em que o cérebro processa melhor estas informações, que assimilar estes hábitos economicamente saudáveis pode se transformar em rotina para toda a vida.

Por isso, há quem defenda a inclusão da educação financeira nas escolas, para auxiliar neste processo de aprendizado de modo precoce e coletivo, semelhante às aulas de economia doméstica, dadas nas escolas dos Estados Unidos. Com acesso à educação financeira neste formato, os jovens poderão apresentar maior autonomia e independência para lidar o seu dinheiro, tanto na adolescência quanto na vida adulta. A autonomia é de grande importância na formação de indivíduos responsáveis e independentes:

Há muitas interpretações sobre o significado do termo educação financeira. Há quem entenda que ele esteja associado a ganhar dinheiro e ser bem-sucedido, mas os especialistas consideram que o termo implique em saber onde gastar e aplicar e aplicar o que sobra (PIRES *et al*, 2012, p. 721).

Argumenta-se em torno destas questões, que os jovens têm uma forma própria de ver o mundo e aprender novas informações. Por isso, dificilmente, numa sala de aula convencional, se conseguirá prender a sua atenção, ainda mais quando falamos sobre a 'Geração Z', que já nasceu conectada à internet e aos aparelhos eletrônicos que a ela dão acesso.

Quando falamos sobre nossos filhos, é relevante ter em mente que nada

ensina mais do que o exemplo. Assim, vale a pena inclui-los no planejamento financeiro da família, mostrar como isso funciona, de onde vem o dinheiro e o seu valor. Neste sentido, é fundamental que os adultos que convivem com este jovem também saibam administrar as suas finanças.

Afinal, um pai endividado, por conta de maus hábitos, tende a transferir esse comportamento aos seus filhos. Filhos de um bom investidor tendem a ter interesse em fazer seus próprios recursos renderem. Assim, a educação financeira para jovens começa com o aprimoramento também dos pais e dos demais tutores.

Por lei, a disciplina de educação financeira é obrigatória na rede básica de ensino, mas atualmente essa matéria não faz parte da grade curricular, fazendo com que a maioria dos jovens precise receber, em casa ou na escola, os ensinamentos de como planejar melhor seu consumo e seu futuro de forma cautelosa e responsável. A educação financeira tem como objetivo auxiliar as pessoas na gestão das suas finanças e planejamento de longo prazo, além de alertar situações de fraude e o incentivo ao consumo consciente.

Vale dizer, que o Brasil, tem cerca de 47% dos jovens entre 18 e 25 anos, e que estes não fazem o controle de seus gastos. De acordo com a SPC (Serviço de Proteção ao Crédito), são 8,6 milhões de jovens inadimplentes no país, e isso é reflexo de um gasto excessivo e espelho da nossa falta de cultura em relação ao ensino sobre finanças.

Logo, para se livrar do endividamento, já na fase adulta, um bom começo, é estudar o tipo de investimento que você quer começar a fazer. Realize cursos e participe de fóruns, a fim de obter ajuda e a aprender a conhecer o mundo do mercado de investimentos e seus termos científicos.

Após isso, trace a sua estratégia, medindo os riscos, prazos e retornos esperados. Existem diversos perfis de investidores no mercado, é importante entender em qual você se encaixa e quais riscos pode correr momento de vida atual.

RESERVA FINANCEIRA

Fazer um orçamento detalhado dos gastos mensais é o tipo de recomendação que profissionais do mercado indicam, de modo que nele, no orçamento, constem as despesas fixas, como contas, e variáveis, como transporte e lazer. Reservar um dinheiro que pode ser aplicado em algum investimento de baixo risco também é tido como boa prática, especialmente se este capital puder ser resgatado a qualquer momento.

Essa medida é chamada de 'reserva de emergência' e, como o próprio nome já diz, deve ser usada em momentos inesperados, como perda de emprego, problema de saúde ou algum outro imprevisto que você precise de recursos rapidamente.

Nunca é tarde para se reeducar e criar hábitos, porém, quanto mais cedo começar seu planejamento, melhor será seu desempenho no futuro e sua formação de patrimônio. No Brasil, infelizmente, a educação financeira não é parte do universo educacional familiar, tampouco escolar. Assim, a criança não aprende a lidar com dinheiro nem em casa, nem na escola. As consequências deste fato são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com graves repercussões, tanto na vida do cidadão, quanto na do país.

No entendimento de analistas do Instituto Manubia (2010), trabalhar o mês inteiro e continuar com o saldo no vermelho é a realidade de muitos brasileiros. Os motivos são muitos, mas todos eles refletem uma situação comum: a falta de planejamento financeiro. A solução para este problema é bastante simples: a educação financeira. Para manter a saúde financeira, o segredo é gastar menos do que você ganha. Muito simples. E, quanto antes se aprende, mais cedo começa-se a controlar o dinheiro, melhorando as decisões relativas a gastos e poupança.

A autogestão financeira permite se viver com menos preocupações geradas pela falta de reservas financeiras, traz maior autonomia nas decisões e possibilita o planejamento do futuro de pais e filhos. Dessa forma, sentir-se-á prazer em consumir produtos e serviços, gerando riqueza para o país. Ou seja, a autogestão financeira é necessária para se manter a vida em equilíbrio.

Hoje, constata-se a necessidade de investimentos em ações na

construção de uma sociedade mais justa e igual para todos, compromissada com a melhoria da qualidade de vida e a conscientização da importância da educação financeira desde a infância. Dessa forma, estar-se-á colaborando para a formação de um adulto mais racional sobre suas finanças e valorizando a sociedade como um todo.

A educação financeira tem um valor fundamental na vida dos indivíduos, pois desde muito cedo, já é possível definir o perfil de uma criança no que tange a dinheiro. O fator principal que determina este perfil é a sua criação e educação. Os episódios de desconforto financeiro vivenciados no decorrer de toda uma vida, influenciam-na muito na sua vivência social e emocional. Essa educação, quer seja voluntária ou não, contribui sobremaneira na constituição do seu perfil.

Para o conjunto de autores postulados em nossas Referências, é corrente o entendimento de que é desde criança que se ensina a pensar e a agir no que diz respeito às finanças. O mesmo vale para os adultos. Todos são instruídos a pensar e a agir de determinada maneira no que se refere a dinheiro. Esses ensinamentos se transformam no condicionamento, que são todas as respostas automáticas que os indivíduos carregam.

Ao lado disso, a realidade é que a falta de conhecimento sobre educação financeira vem das gerações anteriores, que repassam para as novas, cenários políticos e financeiros que as gerações anteriores viveram, sendo raras as exceções em que famílias que conversem sobre dinheiro, evitando-se a transmissão de legados negativos.

Na condição de antídotos a se mostrarem diante de verdadeiro 'mal social', Amadeu (2009) destaca que a Educação Financeira desempenha um papel muito importante na manipulação dos poucos recursos que as famílias possuem, estimulando as pessoas a obterem um objetivo econômico em suas vidas. De acordo com o autor, esta educação atua na gestão de fluxo de caixa, fluxo de riscos e no planejamento de futuros gastos:

No entanto, a Educação financeira ultrapassa a noção de se tratar de um simples instrumento de obtenção de informação financeiras e conselhos. Educação Financeira é um processo que estimula o desenvolvimento de conhecimento, aptidão e

habilidades, transformando indivíduos e cidadãos críticos, informados sobre os serviços financeiros disponíveis e preparados para administrar suas finanças pessoais evitando ser manietado pelas propagandas que levam a um consumo desenfreado e seu conseqüente endividamento pessoal (AMADEU, 2009, p. 26).

Vale lembrar, que a educação financeira não é realizar investimentos, realizar investimentos é consequência eficaz de uma educação financeira. A educação financeira é saber administrar o dinheiro, ter investimentos na bolsa de valores, poupança, imóveis dentre outros, o depende do perfil do investidor, o qual pode mudar com a experiência e maior conhecimento sobre investimentos.

AFINAL, PARA QUE SERVE EDUCAÇÃO FINANCEIRA?

Esta pergunta pode ser respondida da seguinte forma: famílias, de todos os níveis de renda, partilham as mesmas aspirações, procuram suprir suas necessidades básicas de alimentação, educar os filhos, adquirir a casa própria e planejar o futuro. Viver numa situação de pobreza, implica em não possuir renda suficiente para atingir esses objetivos. E, para que possam poupar, até mesmo pequenas quantias, os pobres, além de gastar com cautela, necessitam ter acesso a informações e desenvolver habilidades que propiciem um melhor manejo do dinheiro. Nesse sentido, o objetivo da educação financeira é justamente oferecer-lhes as ferramentas e o poder de conseguir isso.

As necessidades destas ferramentas intensificam à medida em que se observa o crescimento do setor macrofinanceiro, com a conseqüente proliferação de serviços e produtos oferecidos por este setor. Atualmente, em resposta às pressões de mercado e às dificuldades que as famílias enfrentam ao longo da vida, os produtos desse setor incluem créditos para moradia e educação, contas correntes, poupanças de longo prazo, transferência de recursos e seguros.

Entretanto, de maneira geral, os clientes não compreendem as especificidades de cada uma das alternativas e, por essa razão, não as utilizam em seu melhor benefício. Para que possam comparar as possibilidades que

estão ao seu alcance, os clientes necessitam, além de compreender as características das diversas opções, saber calcular e comparar os custos de cada produto, bem como determinar sua capacidade de endividamento.

A educação financeira ensina boas práticas de administração de finanças em relação a ganhos, gastos, poupança e empréstimos, a educação financeira possibilita à população mais pobre melhor gerenciamento de recursos, compreensão das opções financeiras e melhoria de seu bem-estar. Em contrapartida, as instituições micro financeiras também lucram, pois o cliente informado constitui garantia de melhores resultados.

BENEFÍCIOS PARA A QUALIDADE DE VIDA

Um planejamento financeiro bem-feito é indispensável à vida das pessoas, pois possibilita saber, com antecedência, que caminhos estão sendo trilhados, visando maximizar os resultados econômico-financeiros. Isso traz tranquilidade e menos estresse à vida das pessoas.

Grande parte da população no Brasil, está considerando suas situações financeiras insuportáveis, e até mesmo incontornáveis. Com a saúde financeira prejudicada, a saúde do corpo imediatamente fica abalada, não raro, de maneira permanente. Para Hoji (2012, p. 01). "A saúde financeira tem um significado semelhante à da saúde física e mental. Na realidade, a saúde financeira e a saúde física e mental estão tão entrelaçadas que, em geral, uma depende da outra. "Vale ressaltar que, quem vive estressado, tem mais probabilidade de contrair doenças fisiológicas e mentais", pois, além de viver insatisfeito, terá mais gastos com remédios e tratamentos médicos e psicológicos. Ao passo de que quem está imune a esses problemas, por ter uma boa saúde física e mental, tem uma vida mais prazerosa e pode gastar dinheiro em outras atividades que trazem mais felicidade.

Dor de cabeça e enxaqueca, preocupação e nervosismo excessivo, hipertensão, ansiedade e depressão, insônia, problemas estomacais, fadiga e fraqueza, abuso de drogas, álcool e fumo, desordens alimentares, úlceras, dificuldade de concentração, irritabilidade, moral baixa, dificuldade de relacionamento com a família e amigos, problemas cardiovasculares e

psicológicos, são alguns dos sinais do estresse financeiro:

O estresse financeiro resulta de um sentimento de medo ou de incapacidade de lidar com situações financeiras futuras: incapacidade de pagar contas, de realizar planos, de aposentar-se com dignidade, de dar estudo aos filhos, de manter o padrão de vida anterior. Dada a importância que o poder, o sucesso e segurança financeira assumiram na sociedade moderna, o estresse financeiro acaba resvalando em muitos outros aspectos de nossas vidas, prejudicando além da saúde física, os relacionamentos sociais. O estresse financeiro destrói casamentos, diminui a produtividade do empregado, abala amizades e os contatos familiares (BUSSINGER, 2014, p. 33).

Sabe-se que a população brasileira apresenta altos índices de sobrepeso. Inclusive, neste quesito, que no médio prazo, estaremos alcançando os EUA, o país mais obeso do mundo. É verdade que os confortos do dia-a-dia também aumentaram em grande escala e essas facilidades acabam reduzindo os pequenos exercícios durante o dia.

A maioria da população, em especial jovens e adolescentes, estão conectados à internet, 24 horas por dia. Tudo isso demonstra a significativa melhora das condições financeiras das famílias. Porém, do outro lado deste viés, a porcentagem de brasileiros que praticam atividade física com regularidade é baixa, e o índice de sedentarismo é altíssimo. E, neste ponto, se localiza um dos maiores perigos: doenças, mau-humor, baixa-estima e estresse. Diante disso, é relevante questionar a si mesmo, sobre qual seria a vantagem de se ter uma boa saúde financeira, se isso não recair em ganhos para a sua saúde física e psicológica (FIGUEIREDO, 2013).

Um dos fatores mais relevantes para a preocupação da população com relação às finanças, refere-se ao medo do envelhecimento sem qualidade. Isso explica, por exemplo, o interesse em contratar planos de previdência privada no Brasil, embora esteja longe da real necessidade desta preocupação. Esse medo ainda que esteja relacionado ao futuro, é uma ameaça permanente diante de tanta instabilidade econômica e política.

Seabra (2010a), diz que "saber lidar com o dinheiro, seja para gastar com inteligência, programar suas despesas ou investir adequadamente, é vital para não incorrerem em dívidas e garantirmos uma aposentadoria tranquila".

Para aqueles que ainda não estão endividados e necessitam tomar dinheiro emprestado, faz-se necessário conhecer a sua capacidade de endividamento e para isso é preciso ter um bom controle financeiro. Este controle deve ser capaz de apontar o valor das parcelas que se consegue pagar mensalmente. Será melhor ainda se tal controle ajudar a cortar gastos desnecessários, de modo a providenciar dinheiro extra para quitar a dívida o quanto antes. No caso daqueles que já possuem dívidas, ter um bom controle financeiro também facilita as coisas. Com ele é sempre possível descobrir fontes de recursos extras, vidno de cortes de despesas não essenciais.

Este dinheiro adicional pode então ser usados no pagamento de parte da dívida, o que acarretará menores despesas de juros e, conseqüentemente, mais dinheiro no futuro para outros objetivos. O fato é que se deve controlar as dívidas, e não o inverso (MINHAS ECONOMIAS, 2014).

Atualmente, viagens e aquisições de bens, por exemplo, transformaram-se em sinônimos de qualidade de vida, porém, grande parte dessas conquistas são realizadas através de longos financiamentos. Enquanto as pessoas não pararem de buscar *status* exterior como sinalização de qualidade de vida, irão continuar amargadas em situações financeiras complicadas. Segundo Belynky, *apud* INFOMONEY (2014), "o importante é que a pessoa priorize a satisfação ao consumo. Viver bem não significa comprar mais um celular ou outro carro, e sim aproveitar a vida.

O objetivo de qualquer planejamento é atingir a independência financeira. Contudo, é necessário separar uma pequena parte das reservas ou do próprio salário para o bem-estar. Navarro (2014), afirma que "dinheiro não pode ser problema, tem que ser solução. Ora, a riqueza pressupõe equilíbrio para que seja sustentável. Se tiver que escolher, escolha a qualidade de vida.

É preciso equilibrar os dois mundos: finanças e bem-estar. De acordo com Cerbasi (2012), "quem quiser viver uma vida rica precisa saber aproveitar bem o presente, mas cuidar para que esse presente dure indefinidamente, se preciso". É neste pensamento que se deve pautar todo planejamento financeiro, para que os resultados sejam alcançados de forma eficaz e tranquila.

CONCLUSÃO

A educação financeira não consiste somente em aprender a economizar, cortar gastos, poupar e acumular dinheiro. É muito mais que isso. Saber lidar bem com dinheiro é uma questão de qualidade de vida. Reconhecer esse fato não é comum, pois o planejamento financeiro não é prioridade para a maioria das pessoas, famílias e empresas. A maioria delas só acaba se dando conta de efetuar controles periódicos, quando realmente o dinheiro já se tornou um problema. O ideal seria ter com o dinheiro uma relação saudável. Isto é, organizar-se, elaborar o orçamento, fazer as contas, planejar-se, começar a poupar, investir corretamente. O que, certamente, traria mais tranquilidade e menos estresse ao cotidiano.

Considerando que a busca para a educação financeira é um processo complexo e dinâmico, influenciado por fatores psicológicos, comportamentais, culturais e econômicos, pode-se concluir que a qualidade de vida de toda a população está diretamente relacionada a uma boa saúde financeira.

Figueiredo (2013), ressalta que "as melhores coisas da vida são de graça, como se vê nas propagandas de bancos e cartões de crédito, as quais contrapõem os simples prazeres da vida com aqueles que o dinheiro pode comprar. Para falar a verdade, as melhores coisas da vida dependem da aliança dessa contraposição."

É comum encontrar pessoas que aparentam uma ótima qualidade de vida, porém, sem conhecimento de controle e finanças pessoais. Da mesma forma, não é difícil encontrar pessoas que administram suas finanças de maneira extraordinária e acabam não tendo tempo para aproveitar a vida, de fato.

Deve-se efetuar o planejamento financeiro, tendo em vista o intuito de proporcionar qualidade de vida, a fim de garantir que se tenha – hoje e no futuro – a segurança material e as condições para uma vida feliz, com realização pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

- AMADEU, João Ricardo. A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: proposta da inserção da disciplina na matriz curricular. *Dissertação de Mestrado em Educação*. Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. Pres. Prudente – SP, 2009. Acesso em 03/12/2022.
- BUSSINGER, Eliana. Apud MENDES, Juliana Souza. *EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA*. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Matemática Financeira Aplicada e aos Negócios, da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2015, p. 33. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/TCC-JULIANA-DE-SOUZA-MENDES.pdf>. Acesso em 18/05/2023.
- CERBASI, Gustavo. *EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUSTENTABILIDADE*, 2012. Disponível em: [https://www.bing.com/search?q=CERBASI%20apud%20RODRIGUES\(2012\)&msbd=%7B%22triggeringMode%22%3A%22Explicit%22%2C%22intent%22%3A%22UserHistory%22%7D&form=BFBBQF&cvid=BE9CCBDCFE8942918CDF2A79EB8F](https://www.bing.com/search?q=CERBASI%20apud%20RODRIGUES(2012)&msbd=%7B%22triggeringMode%22%3A%22Explicit%22%2C%22intent%22%3A%22UserHistory%22%7D&form=BFBBQF&cvid=BE9CCBDCFE8942918CDF2A79EB8F). Acesso em 16/02/2023.
- EKER, T. H. *Os Segredos da Mente Milionária*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. Acesso em 22/11/2022.
- FIGUEIDERO, Marina. *Saúde financeira e física*, 2013. Disponível em: <http://www.bolsacarteira.com.br/saude-financeira-e-fisica/>. Acesso em 14/02/2023.
- HOJI, Masakazu. *ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA NA PRÁTICA*. São Paulo: Atlas, 2012.
- INFOMONEY. *Foco na qualidade de vida: o que é educação financeira sustentável?* Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/educacao/guias/noticia/817472/foco-qualidade-vida-que-educacao-financeira-sustentavel>. Acesso em 14/02/2023.
- INSTITUTO MANUBIA, 2010. From www.manubia.com.br. Acessado em 03/12/2022.
- MINHAS ECONOMIAS. *Introdução a educação financeira*. Disponível em: <http://www.minhaseconomias.com.br/educação-financeira>. Acesso em 14/02/2023.
- NAVARRO, Conrado. *Riqueza: ser rico sem ser milionário ou pensar em dinheiro*. Disponível em: <http://dinheirama.com/blog/2010/10/19/riqueza-ser-rico-sem-ser-milionario-ou-pensar-em-dinheiro/>. Acesso em: 14/02/2023.
- PIRES, Diniz; LIMA, Olga; DALONGARO, Roberto; SAMPAIO, Patrícia; SILVEIRA, João. Educação Financeira como Estratégia para inclusão de Jovens na bolsa de valores. *Tourism and Management Studies International conference Algarve*, 2013, v.3, p. 719-730. Disponível em: www.redalyc.org. Acesso em 22/11/2022 as 10h.
- SEABRA, Rafael. 10 dicas para organizar sua vida financeira. Disponível em: <http://queroficarrico.com/blog/2011/09/06/10-dicas-para-organizar-sua-vida-financeira/>. Acesso em: 14/02/2023a.
- SEABRA, Rafael. A importância da educação financeira. Acesso em: 14/02/2023. Disponível em: <https://elos.org.br/a-importância-da-educação-financeira-para-jovens/>. acesso 22/11/2022b.